

TRAUMA, CIRURGIA E MEDICINA INTENSIVA

EDIÇÃO IX

Capítulo 25

MANEJO DE INTOXICAÇÕES: DO PROTOCOLO GENÉRICO ÀS TERAPIAS ESPECÍFICAS POR AGENTE TÓXICO

DIANA BAPTISTA GHISLENI¹
EDUARDO STRINGUINI FRAGA¹
FERNANDA POSSEBON BERLESI¹
JOSÉ LUIZ LIMBERGER¹
JULIA SILVA DA SILVA¹

JULIANA MULLER STUERMER¹
MARCELO KUHN JAQUES¹
RAQUEL GONÇALVES CARVALHO¹
RÍLARY MARODIN DE FREITAS¹

¹Discente – Medicina na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

Palavras-chave: Intoxicação; Protocolo Terapêutico; Manejo Clínico

DOI

10.59290/6012120192

EP EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

As intoxicações, sejam elas acidentais ou intencionais, constituem um importante problema de saúde pública, associadas a altas taxas de morbidade e mortalidade (BRASIL, 2021). Esses eventos podem resultar de envenenamento por medicamentos, produtos químicos ou substâncias biológicas, afetando diferentes faixas etárias e contextos socioeconômicos (SOUZA *et al.*, 2020; OLIVEIRA & MARTINS, 2019). O manejo clínico das intoxicações envolve múltiplos aspectos, incluindo a avaliação inicial do paciente, medidas de suporte clínico, descontaminação, uso de antídotos e, em situações específicas, terapias de remoção extracorpórea (SILVA *et al.*, 2022). Estudos demonstram que a aplicação de protocolos genéricos pode ser insuficiente, sendo necessária a utilização de estratégias direcionadas e baseadas em evidências para reduzir complicações e mortalidade (FERREIRA *et al.*, 2021; GOMES, 2020). No Brasil, redes de apoio como os Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIATox) e o Disque-Intoxicação ampliam o acesso a informações qualificadas e contribuem para o manejo eficaz dos casos. Diante desse cenário, a atualização contínua e a aplicação de estratégias baseadas em evidências são necessárias. Este capítulo, portanto, tem como objetivo apresentar uma revisão crítica e atualizada do manejo clínico das intoxicações, abordando desde os protocolos de suporte geral até as terapias específicas, com ênfase na individualização do cuidado para otimizar os desfechos.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, conduzida entre setembro e outubro de 2025, com o objetivo de sintetizar as evidências atuais sobre o manejo clínico de intoxicações a-

gudas. A pesquisa foi fundamentada em fontes referência de toxicologia clínica, incluindo os tratados em fontes de referência da toxicologia clínica, incluindo os tratados *Casarett & Doull's Toxicology: The Basic Science of Poisons* (KLAASSEN, 2019) e *Goldfrank's Toxicologic Emergencies* (NELSON *et al.*, 2015).

Além da leitura integral dos protocolos oficiais do Ministério da Saúde, foram realizadas buscas complementares nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando os descritores “intoxicação aguda”, “overdose”, “manejo clínico” e “tratamento de intoxicações”. Foram incluídas diretrizes, artigos de revisão e estudos relevantes publicados entre 2010 e 2025, disponíveis em português e inglês. Ademais, foram consultados protocolos e documentos técnicos nacionais, como o guia de vigilância do CEVS/RS (2021) e informações dos sistemas CIATox (ABRACIT, 2024) e Disque-Intoxicação (ANVISA, 2024). A síntese do material foi realizada de forma descritiva e integrativa, com foco na aplicabilidade clínica.

A análise e síntese dos achados foram conduzidas de forma descritiva e integrativa, priorizando a aplicabilidade prática das recomendações e a padronização das condutas clínicas, de modo a subsidiar o reconhecimento precoce e o manejo adequado do paciente intoxicado no contexto da medicina intensiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela uma transição epidemiológica marcante no perfil das intoxicações. Dados do *Global Burden of Disease* indicam uma expressiva redução de 54% na mortalidade global entre 1990 e 2021, um reflexo dos avanços no suporte clínico e na disseminação de informações. Contudo, essa melhora é desigual: países de alto índice sociodemográfico, apesar de maior incidência de casos, registram menor mortalidade, enquanto nações de baixo

índice ainda enfrentam taxas elevadas de óbitos e incapacidades permanentes, sublinhando a persistência de disparidades globais no acesso ao cuidado.

No cenário brasileiro, dados do SINITOX demonstram uma heterogeneidade no perfil das vítimas. Intoxicações acidentais domésticas predominam em crianças, ao passo que lesões autoprovocadas, especialmente por medicamentos e agrotóxicos, são mais frequentes em adolescentes e adultos jovens. Essa realidade evidencia a necessidade de estratégias de prevenção multifatoriais, que combinem regulação de substâncias tóxicas com políticas de saúde mental. A atuação de órgãos como os CIATox e o Disque-Intoxicação é fundamental, não apenas na assistência a casos agudos, mas como sentinelas epidemiológicas e centros de informação qualificada.

No âmbito clínico, a abordagem ao paciente intoxicado exige uma estratégia dual. Embora protocolos de suporte avançado de vida, como o ACLS, sejam vitais para a estabilização inicial, sua aplicação isolada é insuficiente em intoxicações graves. Nestes casos, o sucesso terapêutico depende de intervenções específicas e tempo-dependentes. A terapia com antídotos constitui um pilar do tratamento, com exemplos consolidados como o uso de N-acetilcisteína para intoxicação por paracetamol, digoxina-Fab para digitálicos, hidroxocobalamina para cianeto e octreotida para hipoglicemia por sulfonilureias.

As medidas de descontaminação e remoção de toxinas, por sua vez, devem ser empregadas de forma seletiva. O carvão ativado demonstra benefício quando administrado na primeira hora após a ingestão de substâncias específicas, enquanto a irrigação intestinal total pode ser considerada em casos de ingestão maciça ou de comprimidos de liberação prolongada (GHAN-NOUNM *et al.*, 2023). Para intoxicações graves

por substâncias dialisáveis, como metanol, etilenoglicol, salicilatos e lítio, as diretrizes do grupo EXTRIP recomendam a hemodiálise de alta eficiência como terapia de escolha para acelerar a depuração.

Finalmente, a toxicologia clínica é um campo dinâmico, com inovações terapêuticas contínuas. O desenvolvimento do nalmefene, um antagonista opioide de ação mais prolongada que o tradicional naloxone, representa um avanço promissor no manejo da crise de opioides. Tais progressos reforçam a necessidade de educação médica continuada e da rápida incorporação de novas evidências na prática clínica, visando aprimorar os desfechos e reduzir a morbimortalidade associada às intoxicações.

CONCLUSÃO

Em suma, o manejo clínico das intoxicações, sejam elas acidentais ou intencionais, exige uma abordagem integrada que transcende os protocolos genéricos de suporte à vida. A redução global da mortalidade em cerca de 54% (1990-2021) reflete os avanços na resposta clínica e na disseminação de informações, mas a heterogeneidade epidemiológica — com maior mortalidade e incapacidade em países de baixo índice sociodemográfico e diferentes perfis de exposição por faixa etária no Brasil (acidentes domésticos em crianças vs. lesão autoprovocada em jovens) — evidencia a persistência de desigualdades e a necessidade de políticas públicas direcionadas. Para um desfecho favorável, o sucesso do tratamento está intrinsecamente ligado à estratégia individualizada e baseada em evidências. Embora o suporte avançado inicial seja vital, a eficácia definitiva depende da aplicação oportuna de antídotos específicos (como a N-acetilcisteína e o digoxina-Fab), do uso seletivo de terapias de descontaminação (carvão ativado) e, em casos graves, de métodos de depuração extracorpórea (hemodiálise de alta efi-

ciência, conforme as recomendações do EXTRIP). O desenvolvimento de novos agentes, como o nalmefene para intoxicação por opioides, também aponta para a importância da inovação constante na toxicologia. Portanto, a melhoria contínua dos resultados no manejo das intoxicações depende não apenas do avanço tecnológico e científico, mas, crucialmente, do fortalecimento da rede de atenção e vigilância, da

capacitação contínua dos profissionais de saúde e da consolidação de políticas preventivas e educativas. Garantir o acesso rápido e qualificado à informação toxicológica, por meio de estruturas como os CIATox e o Disque-Intoxicação, e ao suporte clínico adequado são ações fundamentais para reduzir a morbidade, a mortalidade e as desigualdades associadas a este grave problema de saúde pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANVISA. Disque-Intoxicação: informações e orientações. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/agrotoxicos/disque-intoxicacao>. Acesso em: 23 set. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CENTROS DE INFORMAÇÃO E ASSISTÊNCIA TOXICOLÓGICA (ABRACIT). Lista de centros CIATox no Brasil. 2024. Disponível em: <https://abracit.org.br/centros/>. Acesso em: 23 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Justiça. Diretrizes toxicológicas forenses: procedimentos laboratoriais e quantificação de etanol. Brasília, DF: MJ, 2023. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/12006>. Acesso em: 23 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo clínico e diretriz terapêutica: Hidroxocobalamina na intoxicação aguda por cianeto. Brasília, DF: MS, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/pcdt/h/hidroxocobalamina-na-intoxicacao-aguda-por-cianeto-protocolo-de-uso/view>. Acesso em: 23 set. 2025.

BRASIL. Fiocruz. Fundação Oswaldo Cruz. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Casos registrados de intoxicação humana e envenenamento. Rio de Janeiro: Fiocruz/Icict/Sinitox, [Ano do relatório mais recente]. Disponível em: [Link para o site ou relatório do SINITOX]. Acesso em: 25 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Rede Nacional de Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIATox). Brasília, DF: MS, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/animais-peconhentos/ciatox>. Acesso em: 23 set. 2025.

BRASIL. Anvisa. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disque-Intoxicação. Brasília, DF: Anvisa, [c2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/toxicologia/disque-intoxicacao>. Acesso em: 25 set. 2025.

BRITCH, S. C. *et al.* Treatment of opioid overdose: current approaches and challenges. *Psychopharmacology*, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00213-022-06125-5>. Acesso em: 23 set. 2025.

CENTRO ESTADUAL DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE (CEVS). Intoxicação exógena: guia de vigilância em saúde. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/202201/31102342-intoxicacao-exo-gena-guia-de-vigilancia-em-saude.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

GHANNOUNM, M. *et al.* Management of Poisonings and Intoxications. *Journal of Toxicology*, 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10564369/>. Acesso em: 23 set. 2025.

KLAASSEN, C. D. (Ed.). Casarett & Doull's Toxicology: The Basic Science of Poisons. 9. ed. New York: McGraw-Hill Education, 2019.

NELSON, L. R.; HOWLAND, M. A.; LEWIN, N. A. *et al.* Goldfrank's Toxicologic Emergencies. 10. ed. New York: McGraw-Hill Education, 2015.

SIVILOTTI, M. L. A.; SCHWARZ, E.; GANETSKY, M. Initial management of the critically ill adult with an unknown overdose. In: UpToDate. Waltham, MA: Wolters Kluwer, 2023.

VARGAS-TORRES, C.; LEVINE, M.; NIX, C. M. Toxin-induced cardiovascular failure. *Emergency Medicine Clinics of North America*, v. 41, n. 4, p. 741-757, nov. 2023.

WANG, W. *et al.* Global burden of poisoning — analysis (GBD data). *Journal of Global Health*, 2025.